

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Luiza Castilhos de Oliveira

**“CONJUNTO DE FOLCLORE INTERNACIONAL OS GAÚCHOS”: UM
ESPAÇO SOCIAL DE APRENDIZAGEM PERMANENTE**

Porto Alegre
1. semestre
2017

Luiza Castilhos de Oliveira

**“CONJUNTO DE FOLCLORE INTERNACIONAL OS GAÚCHOS”: UM
ESPAÇO SOCIAL DE APRENDIZAGEM PERMANENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Comissão de Graduação
do curso de Pedagogia – Licenciatura
da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, como requisito parcial e obrigatório
para a obtenção do título Licenciatura
em Pedagogia.

*Orientadora: Prof^a Dr^a Luciana
Fernandes Marques*

Porto Alegre

1. semestre

2017

Para Nilva Pinto e todos os integrantes e ex-integrantes do Conjunto de Folclore Internacional Os Gaúchos que fazem com que este grupo tenha tal magnitude cultural no Brasil e no mundo e que compartilham todo o seu amor ao folclore e à arte.

GRACIAS A LA VIDA

Agradeço à minha família e ao meu namorado que estiveram, incansavelmente, me dando todo o suporte necessário para que tudo ocorresse sempre da melhor forma e que fizeram com que eu nunca me sentisse sozinha.

...Ao Conjunto de Folclore Internacional Os Gaúchos que permitiu com que eu conhecesse este mundo do folclore, enriquecesse meus conhecimentos na dança, viajasse o mundo, fizesse parte de um grupo de pessoas que sonham os mesmos sonhos realizam e curtem cada momento juntos, que fortalecem laços de amizade e, hoje, formam uma verdadeira família. Agradeço, em especial, à Nilva Pinto, que construiu e mantém o CFI vivo até hoje e à família Flores que esteve presente em todos os processos deste trabalho que concluo, desde a idealização até a apresentação.

... Aos queridos professores que tive na minha passada pela UFRGS que fizeram com que eu tivesse uma formação com excelência e que sempre me incentivaram a ir adiante e sonhar alto. Agradeço, em especial, à Profª Drª Gládis Kaercher, minha supervisora de estágio, e Profª Drª Luciana Marques, minha orientadora do TCC.

...Às minhas amigas que entenderam e respeitaram a minha ausência, mas que se fizeram presentes sempre que eu pedia socorro, seja para me ajudar com o trabalho, seja para desabafar sobre as minhas dificuldades ou ainda para sair e se divertir e, por um dia, esquecer dos problemas. Gaúchas, Cássia, Rô e Débora, muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da UFRGS tem por objetivo geral identificar as ações pedagógicas e educativas existentes nas atividades exercidas pelo Conjunto de Folclore Internacional Os Gaúchos sendo este um espaço não-formal de educação permanente. Além disto, tem como objetivos específicos analisar as percepções que diferentes integrantes do grupo têm das ações educativas e pedagógicas; entender como elas podem influenciar a vida das pessoas, tornando significativas as aprendizagens no grupo; e relacionar as motivações dos integrantes em permanecer no CFI. Para tanto, foi realizada uma revisão histórica do CFI Os Gaúchos e uma revisão teórica sobre os conceitos de Educação e Pedagogia; de Espaços e Práticas Não Formais de Ensino-Aprendizagem; e de Educação Permanente. A pesquisa, de caráter qualitativo, contou com a realização de entrevistas semi-estruturadas com seis integrantes do CFI Os Gaúchos. A partir da análise das entrevistas, emergiram três distintas categorias: Motivação e Expectativa; Situações de Ensino-Aprendizagem; e Influência na Vida Pessoal e Profissional. Nessas categorias, foi possível observar a recorrência da importância do convívio em grupo e das relações pessoais presentes nos relatos de todos os entrevistados. Além disto, os entrevistados relataram perceber uma intencionalidade e uma sistematização das situações de ensino-aprendizagem, o que as caracterizam como situações pedagógicas e não apenas educativas.

Palavras-chave: CFI Os Gaúchos. Espaços não formais de ensino-aprendizagem. Educação permanente. Motivação.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	CONTEXTUALIZAÇÃO.....	9
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
3.1	PEDAGOGIA x EDUCAÇÃO.....	15
3.2	ESPAÇOS E PRÁTICAS NÃO FORMAIS DE ENSINO- APRENDIZAGEM.....	16
3.3	EDUCAÇÃO PERMANENTE.....	18
4	METODOLOGIA.....	21
4.1	DELINEAMENTO.....	21
4.2	PARTICIPANTES.....	21
4.3	INSTRUMENTO.....	22
4.4	PROCEDIMENTOS.....	22
4.5	PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	23
5	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS.....	24
5.1	MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS.....	25
	5.1.1 Motivações.....	25
	5.1.2 Expectativas.....	27
5.2	AÇÕES EDUCATIVAS E PEDAGÓGICAS.....	28
5.3	INFLUÊNCIA NA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL.....	33
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
	REFERÊNCIAS.....	35
	ANEXOS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir da minha participação no Conjunto de Folclore Internacional Os Gaúchos (CFI), um grupo artístico de Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil) que pesquisa, representa e divulga o folclore do Brasil e do mundo por meio da música e da dança. Além disto, ainda carrego comigo experiências em outros grupos de dança há, pelo menos, vinte e três anos. Faço parte do CFI desde 2009 como dançarina e, a partir de 2016, passei a atuar no grupo também como secretária. Ao relacionar o conhecimento construído, principalmente no curso de Pedagogia, com o sistema, a rotina e a dinâmica do CFI, muitas indagações surgiram sobre as ações educativas/pedagógicas existentes no grupo; como e por quem elas são desenvolvidas; o quanto os integrantes percebem estas ações e como eles as encaram; e a relação da motivação dos integrantes com as ações e o ambiente de ensino-aprendizagem que se estabelece no grupo.

Mesmo antes do meu ingresso no grupo, quando eu era apenas expectadora, e até os dias atuais, fui percebendo a dimensão e a importância que o CFI Os Gaúchos tem, tanto para quem participa e assiste quanto para a representatividade da cultura gaúcha e brasileira em Porto Alegre, no Brasil e no mundo. Para uma dançarina como eu, com base no jazz, iniciar a experiência folclórica no CFI foi uma honra muito grande, dada a grandiosidade deste grupo. Já no início da minha trajetória no CFI, observei a solidez do grupo, o comprometimento e a paixão que todos os integrantes tinham pelo que faziam. Percebendo, então, o que o CFI significa para as pessoas que o integram e como havia se tornado presente e importante para mim, não tive dúvidas que deveria deixar registrado em forma de estudo e pesquisa o quanto a participação neste grupo pode ser significativa, bem como relacionar minha formação na licenciatura em Pedagogia com o que percebo de práticas educativas nesse espaço do conjunto que também é de aprendizagem.

Participar de um grupo de pessoas com interesses em comum, realizando atividades prazerosas e contribuindo para o crescimento individual e coletivo é uma ação que, para muitos, se torna essencial na construção e desenvolvimento do ser, uma ação que pode se tornar um sentido para a vida como um todo. Esses grupos sociais podem derivar da escola, da vizinhança, de clubes, de

atividades esportivas, atividades artísticas, dentre outros. Entendendo que a educação visa a formação do ser humano, percebe-se que práticas educativas estão presentes nas relações e interações dos indivíduos destes grupos sociais. Em muitos desses grupos, é provável que uma das motivações para participar seja justamente o aprendizado resultante destas práticas.

Desta maneira, este trabalho tem como objetivo geral identificar as ações pedagógicas e educativas existentes nas atividades exercidas pelo CFI Os Gaúchos sendo este um espaço não formal de educação permanente. Além disto, o trabalho tem como objetivos específicos analisar as percepções que diferentes integrantes do grupo têm destas ações; entender como elas podem influenciar a vida das pessoas, tornando significativas as aprendizagens no grupo; e relacionar as motivações dos integrantes em permanecer no CFI.

2 DESCREVENDO O CFI OS GAÚCHOS - CONTEXTUALIZAÇÃO

O Conjunto de Folclore Internacional Os Gaúchos é uma entidade pública do município de Porto Alegre, reconhecida desde 1966 pela Lei 2937 (PORTO ALEGRE, 1966). Este grupo tem como objetivo divulgar o folclore do Brasil e do mundo por meio do canto e da dança. Atualmente, o grupo também tem se engajado em projetos educacionais (Foto 1), estando presente em escolas públicas e particulares desenvolvendo projetos, palestras e workshops, pois entende a importância da ligação do folclore, da arte e da educação.

Foto 1 - Desenhos realizados pelos alunos de uma escola de educação infantil da rede privada da cidade de Porto Alegre na Semana Farroupilha, a partir de um trabalho sobre o pássaro Anú proposto por integrantes do CFI, no ano de 2016.



Fonte: Página do CFI Os Gaúchos no Facebook

O CFI foi fundado em 1959 pela folclorista uruguaia Marina Lampros Cortinas (Foto 2) e se mantém ativo até hoje contando com a dedicação de Nilva Pinto, bailarina no grupo desde 1959 e, a partir de aproximadamente 1962, diretora artística, cargo oficializado como vitalício desde 2004.

Foto 2 - Marina Lampros Cortinas, fundadora do Conjunto de Folclore Os Gaúchos. Foto do ano de 1960, aproximadamente.



Fonte: Acervo do CFI Os Gaúchos

Nilva (Foto 3) é nascida em 1934 na cidade de Bom Jesus, RS. Veio para Porto Alegre com 16 anos. Graduiu-se em Educação Física pela UFRGS, sendo na época, uma das primeiras mulheres a ter esta formação, e também bailarina pela academia da professora Lya Bastian Meyer. Em entrevista para o projeto “Garimpando Memórias”, Pinto (2010) afirma que atuou como professora na Escola Estadual Cândido José de Godoy em Porto Alegre, onde ficou por 30 anos. Também lecionou no Colégio Dom Feliciano em Gravataí, no Colégio Santa Inês e no Colégio Anchieta em Porto Alegre, permanecendo neste colégio por mais de 44 anos. Idealizou e estava à frente de grupos de dança destas

Foto 3 - Nilva Pinto, Diretora artística e coreógrafa do Conjunto de Folclore Internacional Os Gaúchos. Foto do ano de 2015.



Fonte: Página do CFI Os Gaúchos no Facebook

escolas, como o reconhecido “Show Musical” do Colégio Anchieta, que se mantém ativo até hoje e já completou 50 anos de existência.

Atualmente, a direção geral do CFI é de Cássio Antônio Caldart e a vice direção de Alexandre Grivicich (dançarinos do grupo), ambos foram eleitos de forma direta pelos integrantes. A direção musical é de André Mainieri Flores (músico do grupo), indicado pela direção geral. Os ensaios geralmente têm uma frequência de três vezes por semana e acontecem na sede do grupo que foi conquistada por um contrato de cessão de uso com a prefeitura de Porto Alegre em 1985.

Em 1959, Marina Lampros Cortinas, folclorista uruguaia que residia em Porto Alegre, convidou bailarinas clássicas em formação (Nilva e Nilza Pinto e Amélia Mayer) e dançarinos de Centros de Tradições Gaúchas (Antônio Augusto Fagundes, Carlos Castillos, Jorge Karan, Cláudio Lazzarotto, Ery Assenatto e Cecília Assenatto) para integrarem um grupo de pesquisa e divulgação do folclore através da música e da dança (Foto 4). Em novembro deste mesmo ano, o Conjunto de Folclore Internacional (como era chamado na época) fez sua primeira apresentação da inauguração da extinta TV Piratini em Porto Alegre.

Foto 4 - Primeira formação do Conjunto de Folclore Internacional Os Gaúchos no ano de 1960



Fonte: Acervo do CFI Os Gaúchos

Na primeira viagem internacional do CFI, em 1960, o grupo foi ao Uruguai. Na ocasião, representou e divulgou a cultura do Rio Grande do Sul e também pode imergir na cultura deste país, aprendendo, na prática, as músicas e danças

folclóricas deste povo. A partir daí, o grupo passou a ter esta mesma experiência em diversos outros países, como a Argentina, Espanha, França, Portugal, México (Foto 5) e Bulgária. Em 1966, após algumas alterações no estatuto, foi acrescentado “Os Gaúchos” no nome do grupo, passando a se chamar “Conjunto de Folclore Internacional Os Gaúchos”. A cada viagem nacional ou internacional, os bailarinos, músicos e equipe que integravam o CFI Os Gaúchos aprendiam e atualizavam seus conhecimentos no folclore da região visitada. Da viagem, além de trazer muito aprendizado, também eram adquiridas indumentárias e instrumentos musicais originais para incrementar o acervo do grupo. Assim, o repertório de danças e músicas também aumentava. Com isso, o grupo contribuiu com a cultura gaúcha, trazendo de uma das suas primeiras viagens à Argentina o instrumento *Bombo Leguero*, que inseriu nos arranjos das músicas gaudéias e, até hoje é tido como um dos instrumentos mais importantes na nossa cultura.

Foto 5 - Festival de Folclore Internacional de Zacatecas, México, no ano de 2015.



Fonte: Página da autora no Facebook

Na sua história, o CFI Os Gaúchos teve a oportunidade de se apresentar perante onze presidentes de república: Manuel Prado (Peru), Arturo Frondizi (Argentina), Elias Hraoui (Líbano), Juscelino Kubitscheck, Jânio da Silva Quadros, João Belchior Marques Goulart, Humberto Castelo Branco, Artur da

Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Baptista de Oliveira Figueiredo (Brasil). Além disto, foi recebido em audiência especial pelo Papa João Paulo II quando da sua turnê na Itália, em Castelgandolfo no ano de 1977. O CFI Os Gaúchos, ao longo de sua trajetória, também recebeu diversas premiações e homenagens. Dentre elas, mais recentemente, em 2013, foi homenageado no evento Porto Alegre em Cena.

Em 2010, a convite da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, representou a cidade e o Brasil na Expo Shanghai, na China (Foto 6), quando a capital rio-grandense foi selecionada como uma das 40 cidades no mundo que possuíam as melhores práticas urbanas. Na ocasião, o grupo ministrou e participou de cursos na Dancing Troupe of Shanghai Normal University e na Shanghai Film Art Academy.

Foto 6 - Expo Shanghai, China, no ano de 2010.



Fonte: Página do CFI Os Gaúchos no Facebook

Em comemoração aos seus 57 anos de existência, o CFI Os Gaúchos apresentou, no Theatro São Pedro em Porto Alegre, o espetáculo “Bravas Mulheres, Grandes Histórias”, em novembro de 2016 (Foto 7) e aprimorou e reapresentou o espetáculo em junho de 2017. O show consiste num passeio pelo Brasil e pela América Latina, onde são lembradas as figuras femininas da história que batalharam (e batalham até hoje) por seus povos, suas famílias, seus direitos e pela igualdade.

Foto 7 - Espetáculo "Bravas Mulheres, Grandes Histórias" apresentado no Teatro São Pedro em Porto Alegre no ano de 2016.



Fonte: Página da autora no Facebook.

Pelo CFI passaram marcantes e notáveis nomes da música e da dança. Antônio Augusto Fagundes, o Nico Fagundes (Foto 8), respeitado historiador e folclorista, fez parte da primeira formação de bailarinos e foi diretor geral por 15 anos. Maria Lúcia Brunelli, coreógrafa premiada do CTG Aldeia dos Anjos e outros grupos de dança, foi bailarina no CFI. Edson Dutra e Everton Dutra, hoje integrantes da tradicional banda gaúcha “Os Serranos” foram músicos, também, no CFI Os Gaúchos.

Foto 8 - Nilva Pinto e Antônio Augusto Fagundes.



Fonte: Acervo do CFI Os Gaúchos

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 PEDAGOGIA X EDUCAÇÃO

A partir do que Libâneo (2001) considera como Pedagogia, Campo Educativo e Educação, pode-se constatar que estes conceitos possuem diferenças importantes que determinam a perspectiva ao analisar uma situação. Segundo o autor, a diferença entre os termos está na sistematização e na intencionalidade da ação. Libâneo define a Pedagogia como “um campo de conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação” (2001, p.6) e “envolve uma prática intencional de produção e internalização de significados” (2001, p.8). Já a Educação

“compreende um conjunto de processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando a formação do ser humano” (2001, p.7).

Ainda segundo o mesmo autor (2010), a expansão do conceito de educação que ocorre devido à complexificação da sociedade, da diversificação e a amplitude das ações educativas, interfere diretamente no conceito de Pedagogia, já que é entendida como a teoria e a prática da educação. Desta maneira, conclui que a sociedade atual é genuinamente pedagógica, o que acaba extrapolando a escola e estando presente na mídia, movimentos sociais e grupos urbanos organizados.

O Conjunto de Folclore Internacional Os Gaúchos, como uma entidade pública municipal, é um espaço não-formal de ensino-aprendizagem. Nele se identificam ações educativas por meio da dança e da música, além das próprias relações intra e inter-pessoais. Destas relações, resulta um “conjunto de processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano do indivíduo e do grupo”, como afirma Libâneo (2011, p. 7). Algumas destas ações educativas ocorrem de maneira espontânea e não-intencional, porém, outras, decorrem de um planejamento e acontecem de forma sistematizada, o que se caracteriza por ações pedagógicas.

Os integrantes do grupo, na sua totalidade, participam destas ações educativas e pedagógicas e todos, ao seu tempo, desempenham um papel

decisivo nestas práticas. Mesmo havendo, formal e informalmente uma líder, no papel hierárquico de diretora artística e coreógrafa, além de ser uma das fundadoras do CFI Os Gaúchos, Nilva Pinto não é a única que propõe estas ações. Ainda assim, nem ela e nem qualquer outro integrante é pedagogo por formação, e acabam desempenhando assim, um papel de formador ocasional, ou seja, “profissionais que exercem sistematicamente atividades pedagógicas e que os ocupam apenas parte do seu tempo nessas atividades” (LIBÂNEO, 2001, p. 13). Ainda, de acordo com Libâneo, o pedagogo *lato sensu* “se ocupa de domínio e problemas da prática educativa em suas várias manifestações e modalidades” (2001, p.11). Como pedagoga *lato sensu* em formação, busco, com este trabalho, identificar os “interesses pedagógicos que estão por detrás das propostas educacionais” (LIBÂNEO, 2011, p. 9), ou seja, apontar o que faz com que as ações educacionais que acontecem na dinâmica do grupo, a partir do olhar dos integrantes, tenham um cunho pedagógico.

3.2 ESPAÇOS E PRÁTICAS NÃO FORMAIS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Para classificar o CFI como um espaço não formal de ensino-aprendizagem, é necessário entender a história e o objetivo do grupo e perceber a rotina, a dinâmica e as subjetividades que acontecem ao longo do seu funcionamento. Para isto, além das entrevistas, também foi necessário correlacionar toda minha experiência de participação com a teoria.

O campo de educação não formal, segundo Gohn (2011), teve mais importância, tanto em relação aos próprios educadores quanto em relação às políticas públicas, a partir da década de 1980. Antes disto, a educação não formal se tratava, genericamente, de programas e campanhas de alfabetização funcional de adultos. Porém, na década de 1990, com a mudança na economia, na sociedade e no mundo do trabalho, além da contribuição de importantes órgãos internacionais como a ONU e a UNESCO, a educação não formal passou a desempenhar um papel mais relevante, quando novas possibilidades de trabalho na área da educação surgiram.

A UNICEF (1992, apud GOHN, 2011, p. 101-102) descreve que: “[...]’sabe’ aquele que, com sua ação, contribui para a melhoria do mundo, entregando e oferecendo aos que o rodeiam uma vida mais digna e um maior

bem-estar”. Assim, é possível perceber a amplitude da área da educação para as dimensões éticas, sociais e espirituais.

Gohn, (2011) afirma que com estas mudanças, novas condições profissionais no mundo do trabalho também surgem a partir de então. O trabalhador deve estar apto a compreender processos e incorporar novas ideias, trabalhar em equipe, tomar decisões, incorporar e assumir responsabilidades, ter velocidade mental, autoestima, sociabilidade e atuar como cidadão. Estas aptidões se fazem necessárias ao trabalhador não apenas para o aprimoramento de suas capacidades, mas também para gerir seu próprio negócio ou buscar uma qualificação em outra área, já que seu maior empecilho é próprio desemprego e as políticas governamentais.

Ainda segundo Gohn (2007, p. 14), o principal objetivo da educação não formal é

“a formação de cidadãos aptos a solucionar problemas do cotidiano, desenvolver habilidades, capacitar-se para o trabalho, organizar-se coletivamente, apurar a compreensão do mundo à sua volta e ler criticamente a informação que recebem”.

Ao relacionar esta concepção de educação, que visa a cidadania, com as atividades desenvolvidas no CFI OS Gaúchos, observa-se que muitas delas estão presentes em diversos momentos, desde a vivência em grupo, com o compartilhamento de experiências, quanto à própria vivência da arte em ação na dança e na música. Gohn (2015, p.76) especifica a dança como uma “agente vinculadora de conhecimentos” que triangula a arte, o ensino e a sociedade. A autora ainda refere a música como um grande espaço de desenvolvimento da educação não formal, por ser uma linguagem universal e atrair a atenção de todas as faixas etárias.

Com a dança e a música como instrumento é possível que o indivíduo “mergulhe por inteiro nas atividades/ações, corpo e intelecto, e não apenas utilizar as atividades mentais, o raciocínio lógico” (GOHN, 2015, p. 17). Assim, a aprendizagem contempla uma dimensão mais ampla, como formação humana e o delineamento da própria história do sujeito.

Gohn (2011, p.109) divide a educação formal em dois campos:

“o primeiro, destinado a alfabetizar ou transmitir conhecimentos que historicamente têm sido sistematizados [...], abrangendo a área que se convencionou chamar de educação popular. [...] e o segundo, que abrange a educação gerada no processo de participação social, em

ações coletivas não voltados para o aprendizado de conteúdos da educação formal”.

Ainda que o CFI Os Gaúchos se encaixe no segundo campo da educação não formal, Gonh (2011) afirma que para ambos o aprendizado acontece a partir da experiência das pessoas em trabalhos coletivos, das relações sociais, da vivência de certas situações-problema. Como um grupo que se encontra regularmente pelo menos três vezes por semana e, por meio da arte e das relações intra e interpessoais precisam resolver tais situações-problema que vão desde questões próprias à dança e música, quanto à formulação de um espetáculo, uma viagem à um festival ou questões de cunho pessoal, como comprometimento e motivação dos integrantes, pode-se reconhecê-lo como um rico espaço não formal de ensino-aprendizagem.

3.3 EDUCAÇÃO PERMANENTE

Ao refletir e discutir sobre o conceito de educação permanente, se faz necessário, previamente, retomar o contexto o qual foi criado, recriado e transformado para estabelecer um panorama histórico de tal concepção. A concepção de educação permanente carrega uma importante simbologia, que, como afirma Gadotti (1979, p. 28) “se apresenta como a palavra de ordem capaz de reunir as correntes, de reduzir as concepções opostas e de alargar o próprio conceito de educação”.

De acordo com Osorio (2005, p. 15), o ser humano, na sua “própria condição biológica e social vive numa dialética entre adaptação e mudança” e, assim, incorpora à sua aprendizagem circunstâncias naturais, construídas e humanas. Desta maneira, a educação permanente esteve e está presente na história da evolução humana. Gadotti (1976) completa que a expressão é recente, mas a ideia é antiga. O autor a relaciona com a “árvore do saber” dos tempos de Adão, e ainda cita que entre os princípios da Revolução de 1789 na França, o conceito de educação permanente já estava presente.

Porém, foi a partir do ano de 1919 que o termo surgiu (*Lifelong education*), num relatório de Lloyd George sobre educação de adultos. Neste relatório, ele afirmava que “a educação de adultos é um aspecto imprescindível para a cidadania e, portanto, deve ser geral e durar a vida toda” (1963, apud OSORIO,

2005, p.17). Após, em 1955, o conceito de *Lifelong education* aparece na obra de H. Kempfer, mas não tem uma grande aceitação. Neste mesmo ano, também aparece no Projeto de reforma do ensino, da Liga Francesa de Ensino que atribui à Educação Permanente a missão de:

“1 – Assegurar, depois da escola, a manutenção da instrução e da educação recebida na escola; 2 – prolongar e completar, além da formação e da atividade profissional, a educação física, intelectual e estética da juventude até o exercício da cidadania; 3 – permitir o aperfeiçoamento, a contemplação, a renovação ou a readaptação das capacidades em todas as épocas da vida; 4 – facilitar a atualização dos conhecimentos e a compreensão dos problemas do país e do mundo, a todos os cidadãos quaisquer que sejam seus títulos e responsabilidades; 5 – permitir a todos usufruir do patrimônio da civilização e de seu constante enriquecimento” (GADOTTI, 1979, p. 60).

Já em 1960, na Conferência Mundial de Montreal, a educação de adultos é situada num contexto mais global da educação, e de 1967 a 1971, o Conselho da Europa elabora diversos trabalhos a fim de redefinir a educação permanente “que se concretiza numa política educativa integrada, num sistema flexível de unidades de estudo, que abarca a educação geral, profissional, cultural e social” (OSORIO, 2005, p.19).

Dentre os trabalhos publicados na época, o Relatório de Faure: ‘Aprender a ser’ (1972, apud OSORIO, 2005, p. 20) conclui que a educação permanente “é o princípio no qual se baseia a organização global de um sistema de educação”. Na mesma publicação, é expressada, ainda, a ideia de ‘cidade educativa’ que a relaciona com a educação permanente. Em 1976, em um trabalho dirigido por R. H. Dave aponta algumas características da educação permanente, dentre as quais que este princípio abranja os modelos de educação formal, não formal e informal. Com esta característica, pode-se perceber o espaço/lugar em que a educação permanente irá atuar.

Freire, ao escrever o prefácio da tese de Gadotti (1979), critica a expressão, afirmando que ‘permanente’ seria uma redundância para educação e sugere a utilização ‘em permanência’. No decorrer de sua tese, Gadotti (1979) critica e questiona o real objetivo da Educação Permanente.

Neste trabalho, ao considerar o Conjunto de Folclore Internacional Os Gaúchos, um espaço social de Educação Permanente, utilizarei a concepção que Escotet (1992, apud OSORIO, 2005, p.58) assegura à Educação Permanente, quando expõe que seus princípios básicos são:

- “1. A educação permanente é um processo contínuo ao longo da vida.
2. Todo o grupo social é educativo: a educação permanente reconhece como organismo educativo toda a instituição social ou grupo de convivência humana no mesmo nível de importância.
3. Universalidade do espaço educativo: em qualquer lugar pode dar-se a situação ou o encontro educativo.
4. A educação permanente é integral: define-se a si mesma a partir da pessoa enquadrada numa sociedade e num tempo determinado. Interessa-se pelo seu total desenvolvimento e crescimento em todas as suas possibilidades e capacidades.
5. A educação permanente é um processo dinâmico e flexível nas suas modalidades, estruturas, conteúdos, métodos, já que se deve partir de um contexto social específico ao serviço de grupos determinados, e para determinados fins dentro do trabalho.
6. A educação permanente é um processo ordenador do pensamento, com vista a que a pessoa ordene e se sirva de seus múltiplos conhecimentos acumulados de modo a poder compreender o seu sentido, direção e utilidade.
7. A educação permanente tem um carácter integrador: deve estar coordenada com os restantes sistemas (político económico, etc.) que convém ao macro sistema social.
8. A educação permanente é um processo inovador, já que busca novas fórmulas que satisfaçam de maneira eficaz, adequada e económica as necessidades do presente e do futuro imediato.”

4 METODOLOGIA

4.1 DELINEAMENTO

Este estudo tem cunho descritivo exploratório e faz uso de uma abordagem qualitativa. Para Minayo (2003, p. 21), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações”. Deste modo, foi possível uma compreensão maior das situações e relações que acontecem no CFI, sendo este o objetivo deste trabalho.

4.2 PARTICIPANTES

O CFI conta com integrantes que exercem diferentes funções no grupo: dançarinos, músicos e colaboradores. Ao longo da existência do grupo, o perfil destes participantes tem sido muito variado. No início da história do grupo, os integrantes se diferenciavam pela formação na dança na música em diferentes vertentes e diferentes contextos de vida. Até os dias de hoje, passaram pelo CFI pessoas com uma variedade de perfis no que diz respeito à faixa etária, à profissão, às experiências na dança, na música e no folclore, dentre outras características. Um aspecto relatado pela diretora artística, Nilva Pinto, em diversos ensaios do grupo e momentos ao qual estive presente, é que sempre participou da dança um número considerável de professores. Além disto, muitos ex-alunos da diretora artística também integram o grupo tanto na dança, quanto na música e no apoio.

Atualmente, totalizam 46 integrantes no CFI que participam de forma voluntária e não remunerada. Destes, 9 são músicos (7 homens e 2 mulheres), 15 dançarinas, 15 dançarinos, 6 colaboradores que atuam no planejamento e organização geral do conjunto e 1 coreógrafa.

Para fins deste estudo, foram escolhidos dois integrantes de cada função, que se diferenciem pelo tempo de participação no CFI e pelo gênero. Assim, foram selecionados para as entrevistas a coreógrafa (mais antiga no grupo), uma colaboradora (mais recente), uma dançarina (mais antiga), um dançarino (mais recente), um músico (mais antigo) e uma música (mais recente), totalizando, assim 6 entrevistados. Desta forma, puderam ser relatadas experiências sob diferentes perspectivas.

4.3 INSTRUMENTO

Os dados foram coletados por meio de entrevistas reflexivas de forma individual, em um formato semi-estruturado contando com um roteiro prévio de perguntas que visam atender os objetivos deste estudo (ANEXO B). A entrevista reflexiva, como uma “solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados” (BANISTER et. Al, 1994, apud SZYMANSKI, 2002, p. 10) contribuiu para estruturar este trabalho que busca compreender situações pessoais que envolvam memórias significativas e afetivas dos entrevistados. As atividades que os entrevistados desenvolvem no CFI envolvem muito a afetividade, já que é um compromisso voluntário, onde se realiza uma prática artística que proporciona inúmeras situações de relações intra e interpessoais.

Para os entrevistados poderem relatar experiências pessoais detalhadas, Bauer e Gaskell (2005) indicam a entrevista individual. Não seria interessante a interferência dos outros entrevistados, pois o objetivo deste trabalho é justamente a visão pessoal, o ponto de vista que cada um tem das situações e, ainda, como identificam tais situações. Com a entrevista semi-estruturada, foi possível incluir questões secundárias que podem surgir no decorrer da entrevista. A entrevista foi gravada e, após, transcrita.

Anteriormente às entrevistas para a pesquisa, foi realizada uma entrevista exploratória com um dos participantes não selecionados que, segundo Quivy e Campenhoudt (2005, p. 69), tem o objetivo de “determinar aspectos do fenômeno estudado em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo”. Assim, foi possível aprimorar e direcionar o foco da pesquisa nas entrevistas, além de perceber possíveis fatores a serem melhorados ou melhor explorados.

4.4 PROCEDIMENTOS

Os participantes foram contatados com antecedência, a partir de uma escolha prévia conforme os critérios usados e a viabilidade da realização da entrevista. Os encontros com os entrevistados ocorreram na residência dos mesmos ou na sede do CFI, em horários marcados ou nos inícios e finais de ensaios, conforme disponibilidade dos entrevistados e entrevistadora. Previamente à entrevista, os entrevistados assinaram um Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A) em que concordaram em participar voluntariamente do trabalho, com a gravação da entrevista e uma posterior transcrição da mesma.

4.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O trabalho foi realizado considerando os aspectos éticos presentes na legislação brasileira, sobretudo a Resolução nº 466 (BRASIL, 2012), que garantem a integridade dos participantes voluntariedade de participação, sigilo e liberdade de desistência.

Os participantes assinaram previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em duas vias, sendo que uma ficou com o entrevistado e outra para a entrevistadora. Eles foram orientados de como proceder caso surjam dúvidas durante as entrevistas. Os participantes foram esclarecidos que poderiam, a qualquer momento, desistir da pesquisa, não havendo prejuízo algum. Foi também assegurado o anonimato dos sujeitos na divulgação dos resultados do estudo, tendo o seu nome modificado na descrição da pesquisa. Cada entrevistado será identificado com o nome de um país para o qual o CFI viajou recentemente a fim de participar de festivais representando o Brasil, além do próprio nome do nosso país, portanto nomearei os entrevistados como: Bulgária, México, Espanha, Turquia, China e Brasil.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS

Ao realizar as entrevistas, algumas questões relacionadas ao objetivo do trabalho emergiram. A partir destas questões, puderam ser separados os recortes das falas dos entrevistados em três principais categorias: motivações, expectativas e planos; situações pedagógicas e educativas; e influência na vida pessoal e profissional. Além disto, fatores não-verbais, que não foram expressados em palavras, também foram observados. Estes comportamentos dos entrevistados, apesar de não aparecerem na transcrição das entrevistas, foram levados em consideração na interpretação dos mesmos.

As entrevistas foram realizadas no mês que antecedia um importante show do CFI Os Gaúchos, o que demandava dos integrantes entrevistados uma atenção e um foco maior com os ensaios e com o grupo de uma forma geral. Acredito que, em decorrência disto, muitas das questões perguntadas na entrevista estavam latentes e se fizeram presentes nas respostas. Outro fator que complementa esta questão é a emoção que predominava na fala dos entrevistados. Todos demonstraram sua afetividade, carinho e amor ao relatar suas lembranças e percepções acerca do CFI.

Percebi também que, iniciar a entrevista pedindo que o integrante se apresentasse, fez com que ele se sentisse mais à vontade e confortável para responder às perguntas, deixando o ambiente menos formal e a entrevista mais semelhante à uma conversa de amigos. Além disto, ao longo deste momento, conforme eu indagava sobre exemplos mais específicos das ações pedagógicas, os entrevistados identificavam um número maior dessas situações na sua vivência no CFI. Ao meu ver, inicialmente, o entrevistado não percebia nem identificava que diversos momentos 'normais', poderiam ser considerados situações de ensino-aprendizagem.

5.1 MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS

5.1.1 Motivações

Em relação à motivação dos entrevistados em permanecer no CFI Os Gaúchos, seja exercendo a sua função (dançarino, músico ou colaborador) ou qualquer outra, percebi, além dos próprios relatos, uma comunicação não-verbal que demonstrava muito entusiasmo na fala. A partir das entrevistas, foram identificadas diversas motivações e, muitas vezes, o mesmo entrevistado demonstrou mais de uma motivação e que acabaram se relacionando com a motivação dos demais. De acordo com Leal, Miranda e Carmo (2013, p. 163), “a motivação intrínseca envolve pessoas fazendo uma atividade, porque elas acham interessante tal atividade e sentem satisfação espontânea no seu desempenho”. Já a motivação extrínseca, “exige uma instrumentalidade entre a atividade e algumas consequências separáveis, como recompensas tangíveis ou verbais.” Dentre os relatos, a motivação intrínseca é predominante, como pode ser observado nas falas abaixo. A própria cultura e o trabalho exercido pelo CFI Os Gaúchos apareceram na fala de três entrevistados:

“Admirava muito este trabalho”. (México)

“Sou apaixonado por cultura, por música brasileira, cultura brasileira em geral. [...] Cultura, que é um aprendizado muito forte, que é uma das melhores maneiras de tu conhecer um povo, a essência dele. [...] Se tu colocar uma boa intenção naquilo, então não importa se tu está fazendo só a dança. [...] A dança, sim, é maravilhosa por isso que todos nós estamos aqui, mas o que ela traz junto assim, não só como grupo, como ensinamento é impossível não levar pra si, é muito amor. A gente, aqui, ama a dança”

(Bulgária)

“Eu fico muito feliz de poder ser uma parcela, bastidor disso aí tudo, assistente disso aí tudo, fico muito, muito, muito realizada com isso tudo.” (Brasil)

Relacionada à cultura como motivação, as viagens realizadas pelo conjunto para festivais nacionais e internacionais também foram identificadas. Nessas viagens, além de conhecer outras culturas, também são possíveis uma relação e uma troca rica entre os próprios integrantes.

“As viagens, conhecimento, são muitas coisas, trocas, inclusive com pessoas de diferentes lugares”. (Bulgária)

“Justamente pelas viagens, pelas viagens que tu fazias”. (China)

Associado às relações e trocas, uma motivação recorrente nas entrevistas foi a de fazer parte de um grupo, de um coletivo. Sobre esta motivação quatro dos entrevistados relataram na sua fala, o que demonstra ser um fator importante e determinante.

“Gosto de conversar, de conhecer as pessoas, realmente era mais pelas pessoas”.
(Bulgária)

“Eu acho que o senso de grupo, ele é um motivador pra qualquer tipo de ação que existe dentro dessa questão de aprendizado”. **(Turquia)**

“Uma coisa que me estimula muito é o pique do grupo, a energia do grupo.” **(Espanha)**

“Vibro pelas conquistas de cada um. [...] Essa amizade, esse se importar com o outro pra que o outro pegue e dance o seu melhor, é muito bacana de ver. [...] Tu começa a aprender tudo e as pessoas te dão força.” **(Brasil)**

Outra motivação recorrente, foi acerca da realização pessoal e da superação de limites. Três dos entrevistados referiram permanecer no grupo por este motivo:

“Eu gosto muito de desafios.” **(Espanha)**

“Tem gente que tem dor, tem gente que se machuca ao decorrer do ano, tem gente que trabalha bastante, vai nos ensaios que pode. Mas, acho que quando fecha o ciclo do ano, que tem aquela apresentação grande no teatro, a gente vê que tudo valeu a pena. [...] Me realizo muito fazendo isso: ajudando, costurando, levando, montando, desmontando, viajando, participando. [...] Eu ganhei muito mais, eu sempre ganho muito mais do que eu dou.” **(Brasil)**

“Se eu não sei nada e venho aprender alguma coisa, eu vou me engrandecer: Olha, eu tenho capacidade, eu sou capaz de fazer isso, que bom, eu vou me esforçar mais, porque isso aí vai me dar outras oportunidades.” **(China)**

A relação com o outro, seja o outro a família, o contexto social, o público ou o aluno, também aparece nos relatos, o que demonstra uma importância de tais relações e da percepção do sentido de vida para o entrevistado:

“A gente incentiva as outras pessoas a fazerem o que amam também.” **(Bulgária)**

“Muitas vezes o que um está disposto a passar de experiência o outro não está disposto a aprender e vice-versa.” **(Turquia)**

“Principalmente sabe o que que rege muito? A idade, os familiares, dentro da casa, dentro do colégio. [...] Tu não pode escantear um aluno de jeito nenhum, se ele sabe, se não sabe, se gosta, se não gosta, não pode. Isso nunca pode entrar na cabeça do professor. Porque se não, vai estragar o aluno pro resto da vida.” (China)

Com estes relatos, é possível perceber a predominância das relações como motivação, seja as relações interpessoais ou intrapessoal. Na fala de todos os entrevistados a motivação intrínseca aparece de forma clara pois permanecem no grupo por sentir uma satisfação espontânea e acreditam ser interessante participar do grupo.

5.1.2 Expectativas

Quando questionados sobre quais os objetivos e expectativas que os entrevistados carregavam ao entrar no CFI e quais possuem hoje, as respostas foram bem variadas. Apesar disto, a opinião de cada entrevistado foi objetiva, elegendo apenas um ou dois fatores, diferentes das motivações, quando a maior parte dos entrevistados relata mais de dois motivos. Ainda assim, os relatos se relacionam quando o ensino-aprendizagem surge como expectativa, seja referente à dança, experiências de vida, as relações pessoais ou puramente o aprendizado. Sobre a aprendizagem da dança, dois entrevistados relataram que:

“Eu queria era entrar pra dançar e quando eu entrei, no início, eu senti um pouco de dificuldade, porque a velocidade era muito grande, mas eu me surpreendi. O que eu aprendi aqui foi muito mais do que eu esperava.” (México)

“O tipo de dança. [...] Isso aí é uma influência, muitas vezes, negativa.” (China)

Acerca do ensino-aprendizagem, de uma forma geral, Brasil e Bulgária expressaram esta expectativa nas suas falas:

“Era aprendizado, realmente [...] Óbvio que eu tenho muito ainda a aprender.” (Bulgária)

“Desenvolver ainda mais minha capacidade de conectar música e história através do folclore. [...] Conseguir alcançar uma maturidade pra conseguir lidar com tudo isso, que antes parecia tudo uma diversão, e ali já é, hoje, mais um compromisso. [...] Uma responsabilidade de trazer estas experiências culturais pro resto do mundo. [...] Todas as experiências que o grupo me deu de oportunidade de eu passar adiante e eu realmente crescer e evoluir com relação a isso.” (Turquia)

“Era contribuir com o que eu tenho tanto na parte profissional quanto da minha parte pessoal para o grupo.” (Espanha)

Assim como nas motivações, o convívio em grupo e a amizade também surgiram como expectativa:

“Primeiro: amigos.” (China)

“A minha ideia é continuar com o grupo, mesmo que não dance, mas esse convívio, amizade, toda essa estrutura que tem o conjunto há 57 anos.” (México)

“Continuar convivendo com vocês, respeitando o espaço de vocês.” (Brasil)

Ainda como expectativa, dois entrevistados carregam como objetivo manter a obra do Conjunto de Folclore Internacional Os Gaúchos viva, quando falam que:

“Principalmente perpetuar tudo isso que eu conquistei e que eu busquei dentro do grupo. Já adquiri muita experiência dentro do grupo.” (Turquia)

“Tem uma intenção de que esse legado não morra. [...] O que importa em si é o conjunto, é o legado, tem essa preocupação dos mais velhos passarem pros mais novos e que isso continue pra sempre, se puder, pra sempre. [...] A gente tem muita coisa pra fazer. A gente pode fazer projetos pra desconto de imposto de renda, muita coisa. A gente tem que tocar isso. É dever de todos nós que fazemos parte.” (Brasil)

Conforme os relatos, os entrevistados demonstraram expectativas em relação ao CFI que se mantiveram ao longo da sua participação no grupo e se estende à planos para o futuro. O ensino-aprendizagem e, novamente, as relações pessoais foram frequentes nas falas, o que demonstra o quanto isto é importante para os integrantes do grupo.

5.2 AÇÕES EDUCATIVAS E PEDAGÓGICAS

Muitas situações de ensino-aprendizagem foram identificadas pelos entrevistados. Grande parte deles percebem intencionalidade e sistematização nestas situações, o que, por estes motivos, segundo Libâneo (2011), se caracterizam como sendo ações pedagógicas e não apenas educativas. Os entrevistados afirmam que:

“Então é bem sistemático, sim, porque as pessoas vêm à procura aqui pra levar pra escola. Eles já procuram aqui com o foco, por saber o tipo de trabalho que se realiza, que é uma pesquisa que tem todo um fundamento.” (México)

“Ela é realmente uma engrenagem, onde a gente vai aplicando isso sempre. [...] A partir do momento que alguém se propôs a ensinar aqui, já começa a aparecer pessoas interessadas no assunto, e daí aquelas pessoas já mostram pra mais pessoas. [...] É uma coisa sim sistematizada a partir do momento em que nós temos que estar aqui terça-feira, quinta-feira e domingo.” (Bulgária)

“Da gerência eu vejo aí sim eu vejo total intencionalidade nas ações assim. Até nas conversas. [...] Eu vejo total intenção em que a pessoa a quem ela está se dirigindo faça parte e queira entender.” (Espanha)

“É impossível ser unilateral pelo simples fato de que as duas pessoas têm que estar dispostas. Uma a passar uma experiência e a outra a receber uma experiência, sentir uma experiência nova.” (Turquia)

“Isso é muito importante, professor à frente, ou amigo, qualquer tipo de pessoa, não precisa ser exatamente o professor.” (China)

“Eu vejo uma vontade do que já estão, ajudarem os que estão entrando.” (Brasil)

Para exemplificar essas ações pedagógicas, situações que envolvam o folclore foram recorrentes nas falas dos entrevistados:

“A gente fica vendo as características, as tradições dos povos que a gente dança. Então, é uma maneira de conhecer e depois levar pro seu ambiente, pra sua escola, pro seu clube, esse aprendizado daqui. [...] A gente amplia os conhecimentos através das viagens, de outros povos, outras culturas. Então essa troca, é um crescimento pessoal imenso que o conjunto proporciona através do folclore.” (México)

“Através do folclore, conhece um povo. Então conhecendo várias culturas, a gente tem oportunidade de ter uma vivência incrível. [...] A vivência de grupo não é só um negócio cultural, ela não é só uma vivência que tu traz pras pessoas. Ela é muito interior também, ela é uma reforma. Porque a reforma pra vir, em si, ela tem que começar de dentro pra fora. A cultura propicia isso, o folclore... Não só o folclore, todos os tipos de arte.” (Bulgária)

“São folclores de vários lugares ali e a gente consegue identificar. Por exemplo, pra mim era tudo numa coisa só, eu não conseguia identificar o que era Bolívia, o que era Chile, principalmente com essas mas latinas. Agora não, aos poucos eu fui entendendo a característica de cada dança e ver que cada uma tem sua particularidade, não dá pra confundir Bolívia com Chile ou com Paraguai.” (Espanha)

“A gente experenciou a música deles, a gente viu eles tocando, viu como é que eles fazem a música do lugar deles. [...] A gente aprendeu aquele ritmo ouvindo eles lá. Foi uma questão de experiência, ouvindo eles lá.” (Turquia)

Destaco um relato de Bulgária, que exemplifica como uma situação de ensino-aprendizagem, o autoconhecimento relacionado à cultura:

“A gente aprende não só a cultura do exterior, dos outros países. Mas a gente fica mais humano porque sabendo mais dos outros, tu acaba sabendo mais de si. É muito bom.”
(Bulgária)

Outros exemplos de ações pedagógicas que foram relatados, expressam situações próprias da dança, da música e dos ensaios:

“A dança proporciona isso, porque a gente se apresenta, tá exposto. Então, as pessoas entram no grupo, vão tendo um desenvolvimento progressivo, então isso tudo só traz bons benefícios pra autoestima. [...] A gente tem essa oportunidade também de aprender a compor, de aprender a dirigir.” **(México)**

“A vivência da dança em si, ela já é incrível porque ela te traz muito autoconhecimento, ela te traz segurança. [...] Se tornando uma pessoa mais inteligente por dançar e estar sempre treinando teu cérebro. [...] As pessoas não têm esse convívio com o erro na sociedade. Se tu erra, tu é condenado, e aqui a gente tem o convívio com o erro, a oportunidade de observar que a gente pode errar e é tranquilo. Tu pode fazer de novo e se tu fizer aquilo cinco, dez vezes, tu vai conseguir.” **(Bulgária)**

“A maneira de segurar um instrumento, maneira de se posicionar diante da música.”
(Turquia)

“De início tu tens que ter nas tuas mãos, eu penso assim, o aluno ou a aluna ou os alunos, e aí tu tens que ver a capacidade de cada um. [...] Muito mais demorado (ensinar alguém que não sabe dançar). Mas não impossível. Não é difícil e depende muito da boa vontade e dedicação da professora. Isso é primordial. [...] Nesse ponto, eu acho que um aquecimento, antes da aula que tu vais dar, é o ideal pra isso aí. Porque? Porque vai... [...] A cabeça dela se situando dentro daquilo que a gente ia fazer.” **(China)**

Mais uma vez, o convívio em grupo, as relações pessoais e os pertencimentos a um coletivo aparecem em diversos relatos da totalidade dos entrevistados. Desta maneira, observa-se a importância deste sentimento de pertencimento para a significação e desenvolvimento das ações pedagógicas.

“Então a gente aprende a dividir, dar opinião, sugerir sempre visando o bem comum do grupo. [...] Esse convívio com o grupo, esta troca de conhecimentos, apesar da gente ter

idades bem diversificadas é um ambiente maravilhoso pra gente conviver e é um aprendizado pra vida pessoal de cada um.” (México)

“Aqui existe muita troca de conhecimento e isso é um processo muito importante. Eu tenho certeza absoluta que por mais que a folclorista seja a pessoa que mais dá conhecimento, ela com certeza aprende também com os bailarinos.” (Bulgária)

“Possivelmente seja da tia Nilva que tenha surgido a primeira aprendizagem. Mas os mais velhos sempre interagem com os mais novos, são sempre muito receptivos com os mais novos.” (Espanha)

“O maior exemplo é a gente ter feito um show com um tema falando sobre a mulher, a força de mulher, e o grupo inteiro abraçar e se dedicar a isso, justamente para fazer jus a esses grandes nomes, à essas grandes mulheres que fizeram parte da nossa história. [...] Existe a democratização aqui do grupo, de perguntar sobre datas, se a gente quer fazer algum tipo de evento. Tem uma certa liberdade. [...] Aprender a tocar um instrumento novo porque o grupo precisa. É, esse tipo de coisa, quando o grupo precisa ou depende de uma pessoa, normalmente esse sentimento aparece mais. [...] É bem visível que temos figuras de liderança. Normalmente essas figuras de liderança, elas acabam sendo esses polos de experiências pra passar para o resto do grupo.” (Turquia)

“Adequar a dança pra que ela fique de uma maneira mais harmônica, pra que todos possam pegar e que fique uma coisa mais bonita de assistir no palco. [...] Se pensa no coletivo e se resolve rapidamente, eu acho que é o coletivo que manda, o que é de bem comum para todos. [...] Cidadania, porque tu está ali no convívio com o outro. Às vezes tem que ajudar, às vezes tem que compreender, tem que ensaiar sozinho porque o par não foi. [...] Eu acho que tem uns que ensinam mais que outros. Mas normalmente tem umas pessoas que tem mais jeito. Mas eu vejo uma preocupação geral em todos.” (Brasil)

“Aí depois que já estão organizados, já aprenderam alguma coisa, estes podem passar para outros, aquilo que eles aprenderam.” (China)

Acerca das situações de ensino-aprendizagem, a percepção de intencionalidade e sistematização nelas por parte dos integrantes faz com que o CFI Os Gaúchos seja um espaço que desenvolve situações pedagógicas e que, apesar disto, não seja proposto por um pedagogo. Estas situações acontecem partindo da figura central do CFI, Nilva Pinto, mas também dos demais integrantes. Pode-se confirmar, com isso, que realmente a nossa sociedade (exemplificada pelo CFI) é genuinamente pedagógica e extrapola os campos formais de educação, como afirma Libâneo (2010).

5.3 INFLUÊNCIA NA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL

Como influência para a vida pessoal e profissional, os entrevistados relataram os principais fatores que levam consigo no seu dia-a-dia. As falas dão conta de situações que envolvam a dança e o trabalho desenvolvido pelo CFI Os Gaúchos quando México e Bulgária afirmam que:

“O que me levou, a minha inspiração, o que me motivou a trabalhar com dança na escola foi o meu aprendizado aqui dos Gaúchos. O aprendizado eu levo direto pro meu trabalho na escola.” (México)

“É inevitável que tu, criando uma habilidade na dança, tu não crie uma habilidade também nas outras áreas da tua vida. [...] Eu aprendi isso com a dança. Se as pessoas se dedicarem ao que elas amam, independente do que seja, elas vão se dar bem. Em qualquer área da tua vida ele [convívio com o erro] te dá uma segurança muito grande pra poder seguir em qualquer coisa que tu se propõe a fazer com dedicação.” (Bulgária)

México ainda afirma que, além do trabalho desenvolvido no grupo, utiliza o que aprendeu sobre o folclore no seu trabalho na escola:

“O folclore é mais fácil de trabalhar menino e menina na escola.” (México)

O folclore, segundo Espanha, ainda pode influenciar de forma positiva na vida pessoal:

“Valorizo todo conhecimento cultural que eu recebo, eu valorizo na minha vida pessoal. Eu acrescento na minha vida pessoal. Eu tenho um ganho muito grande que eu vejo, da questão folclórica, por exemplo.” (Espanha)

Novamente a questão da convivência e do trabalho em grupo aparece, também, como forma de influência na sua vida:

“Vocês idealizaram o brechó, todo mundo trabalhando unido, pra uma coisa só. É uma coisa que realmente falta hoje em dia, a gente não vive mais em comunidade. Às vezes a gente não sabe quem é que mora do lado e isso propicia, pra ver como é amplo. Não é só dança, não é só o folclore.” (Bulgária)

“O envolvimento com as outras pessoas, com a arte, com o grupo, me fez inclusive modificar minha maneira de encarar as coisas e de me organizar de uma maneira diferente, de reparar as outras coisas.” (Brasil)

Todas essas situações de aprendizagem citadas pelos entrevistados serviram, também, como um fator determinante na vida pessoal e profissional deles. De acordo com os relatos, o modo de agir e perceber o mundo foram influenciados pela vivência no CFI Os Gaúchos de uma forma positiva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho percebo, de forma mais evidente, o quanto todos os tipos de relações pessoais são importantes e significantes no exercício das atividades desenvolvidas pelo CFI e no fortalecimento como grupo por parte dos integrantes. Esta questão apareceu em todas as falas dos entrevistados de forma muito clara e recorrente. Outro fator determinante presente nos relatos, foram os benefícios que a dança (como arte) e o folclore (como objeto e instrumento de aprendizagem) agregam na vida dos entrevistados. Em relação aos objetivos deste trabalho, entendo que foram atingidos quando a partir das entrevistas, os integrantes puderam relatar as situações de ensino-aprendizagem que acontecem no CFI e relacioná-las com as suas motivações e com a sua vida pessoal e profissional.

Constato, ainda, a importância de se realizar mais estudos e pesquisas sobre espaços não formais de ensino-aprendizagem, que são tão variados e carregam uma riqueza imensa no que diz respeito ao exercício pedagógico. Além disto, comparar e relacionar as motivações das pessoas que integram estes espaços não formais à motivação de alunos de espaços formais, poderia ser interessante para evitar muitos problemas da escola, como a evasão, por exemplo.

Como possível continuação deste trabalho, pretendo realizar as entrevistas com os demais integrantes para alcançar dados mais consistentes e poder, assim, apresentá-los ao grupo. Com isto, poderão ser traçadas estratégias que sanem prováveis dificuldades do grupo, como por exemplo, o comprometimento e o entendimento de todos os integrantes da importância do CFI Os Gaúchos. Como futura pedagoga, poderei, juntamente com a direção do grupo e outros integrantes, inserir práticas continuadas com avaliações periódicas para um melhor desenvolvimento do grupo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.htm>. Acesso em 16 mai. 2017.

GADOTTI, Moacir. **A educação contra a educação**: o esquecimento da educação e a educação permanente. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOHN, Maria da Glória. **Não-fronteiras**: universos da educação não-formal. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

_____. **Educação não formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Educação não formal no campo das artes**. São Paulo: Cortez, 2015.

LEAL, Edvalda Araújo; MIRANDA, Gilberto José; e CARMO, Carlos Roberto Souza. Teoria da autodeterminação: uma análise da motivação dos alunos de ciências contábeis. **Revista Contabilidade & Finanças – USP**. São Paulo, v. 24, n. 62, p. 162-173, maio/jun./jul./ago. 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2571/257127947007/>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogias e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440602001000100012&script=sci_arttext>. Acesso em: 9 mar. 2017.

_____. **Pedagogias e pedagogos**: para quê?. São Paulo, Cortez: 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, Vozes: 2003.

OSORIO, Agustín Requejo. **Educação permanente e educação de adultos**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

PINTO, Nilva Therezinha Dutra. **Nilva Pinto (depoimento 2010)**. Porto Alegre, Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS: 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50114/000828081.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

PORTO ALEGRE. Lei nº 2.937, de 05 de setembro de 1966. **Reconhece de utilidade pública entidade cultural**. Disponível em: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?u=/netahtml/sirel/avancada.html&p=11&r=202&f=G&d=ATOS&l=20&s1=\(SECRETARIA+MUNICIPAL+DE+EDUCACAO+E+CULTURA\(PMPA\)\)..RELA](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?u=/netahtml/sirel/avancada.html&p=11&r=202&f=G&d=ATOS&l=20&s1=(SECRETARIA+MUNICIPAL+DE+EDUCACAO+E+CULTURA(PMPA))..RELA)>. Acesso em: 14 mai. 2017.

QUIVY, Raymond. CAMPANHOUDT, LucVan. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa, Gradiva: 2005.

SZYMANSKI, Heloísa (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília, Plano Editora: 2002.

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO UFRGS/FACED/CURSO DE PEDAGOGIA Pesquisa para trabalho de conclusão de curso

A presente pesquisa está vinculada ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É produzida para fins de Trabalho de Conclusão de Curso e tem como objetivo identificar as ações pedagógicas e educativas existentes no Conjunto de Folclore Internacional Os Gaúchos, sendo este um espaço não-formal de educação continuada/permanente. Para isto, será realizada uma entrevista individual com alguns dos integrantes deste grupo que será gravada, transcrita e analisada posteriormente.

Você está convidado a participar deste estudo. Sua participação é importante para que possamos compreender os tópicos mencionados e apontar práticas futuras de aprimoramento para o CFI. Igualmente este trabalho dará visibilidade acadêmica ao conjunto já que ficará disponível online após a defesa em banca. Assim, seu consentimento é solicitado para que a pesquisadora responsável pela entrevista, Luiza Castilhos de Oliveira, aluna do Curso de Pedagogia possa realizar este trabalho, orientada pela Profa. Luciana F. Marques (DEC/FACED/UFRGS). Os dados e resultados desta entrevista serão analisados e utilizados apenas para esta pesquisa. Os nomes dos entrevistados não serão mencionados no trabalho escrito e na apresentação oral do TCC, nem em possíveis trabalhos escritos e apresentações posteriores ao TCC. Serão tomadas todas as medidas para que sua privacidade seja preservada. Você pode desistir de participar a qualquer momento, sem nenhum prejuízo para sua participação no grupo.

Eu, _____, pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que conheço os objetivos e as finalidades da pesquisa e concordo em participar da mesma, autorizando a gravação da mesma.

Luiza Castilhos de Oliveira
Aluna-pesquisadora

Entrevistado (a)

A aluna-pesquisadora Luiza Castilhos de Oliveira é orientada pela Prof. Dr^a Luciana Fernandes Marques professora do Departamento da Faculdade de Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (telefone: 51 985369863 - Luiza)

Desde já, agradecemos sua participação na pesquisa.

Porto Alegre, _____ / _____ / 2017.

ANEXO B

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Primeiro, gostaria que você se apresentasse. Fale seu nome, idade, formação e a ligação com o folclore, a música e a dança.
2. Como você conheceu o CFI? O que você sabia sobre o grupo antes de fazer parte dele?
3. Você consegue identificar se acontecem situações de ensino/aprendizagem no CFI? Saberá dar algum exemplo? Em que momentos elas acontecem?
4. Com base no que você respondeu anteriormente, consegue identificar quem aprende e quem ensina? Isso acontece de forma unilateral? É sempre da mesma maneira?
5. Ainda com base na resposta da pergunta 3, você acha que essas situações acontecem de forma regular? Sistematizada? São intencionais?
6. Vou citar algumas frases que conceituam situações de aprendizagem em espaço não-formal e você me diz se percebe que acontece no CFI e como elas acontecem:
 - a) Situações em que se desenvolve a capacidade de compreender processos e incorporar ideias.
 - b) Situações em que se estimula o aumento da velocidade mental, o trabalho em equipe e a tomada de decisões.
 - c) Situações que possibilitem incorporar e assumir responsabilidades, ter autoestima, sociabilidade e atuar como cidadão.
7. Você acha que os aprendizados resultantes destas situações influenciam na tua vida pessoal e profissional? Como?
8. Quais eram os teus objetivos ao de entrar no CFI?
9. Você está alcançando estes objetivos?
10. Depois de entrar, os objetivos foram modificados/renovados?
11. O que te motiva a permanecer no grupo?
12. Algum outro comentário que gostaria de registrar?